

Jayme Caetano Braun - Payada Das Missões

tom:

Am

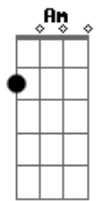
Meus irmãos de território
 É o pajador das missões
 Que repontou dos fogões
 Seu bárbaro repertório
 Que chega para um auxílio
 Do nativismo e da crença
 Cantar é mais do que uma doença
 Que mau-olhado ou quebranto
 E eu sou viciado no canto
 E canto se dão licença
 Tetranelo de cacique
 Bisneto de curandeira
 Trago um breve da parteira
 Dos ranchos de pau a pique
 Isso talvez justifique
 Essa imponência baguala
 Do cantor que quando fala
 Do sorsal que quando canta
 Brotam notas da garganta
 Que até o silêncio se cala
 E se fui índio primeiro
 Deste chão abarbarado
 Antes de ser espoliado
 Pelo ibérico estrangeiro
 Depois de ser missionário
 Não caí sem resistência
 E na bárbara pendência
 Do taura - sem Deus, nem lei
 Eu mesmo me aquerencie
 Dentro da própria querência
 E se ela me foi tomada
 Num raio guacho de luz
 Quando a beleza da cruz
 Curvou-se à força da espada
 Extinta a chama sagrada
 Que toda cultura encerra
 Eu que fui morto na guerra
 Num barbaresco repuxo
 Me transformei em gaúcho
 E renasci sobre esta terra

Irmão gêmeo de Sepé
 Retornei de muito longe
 Trazendo a bênção de um monge
 E do último pagé
 Que me ensinaram a fé
 E a senha dos rapezodos
 Para acalmar os denodos
 De missionário andador
 No ofício de pajador
 Que é o mais crioulo de todos
 Desde então, canto - e cantando
 Persigo o tempo que viaja
 Em qualquer parte onde haja
 Uma pátria se formando
 Um oprimido peleando
 E uma causa em abandono
 Sem nunca pegar no sono
 Onde existam espoliados
 Ou tiranos apossados
 De coisas que não tem dono
 Eu canto a cordeona que chora
 E a guitarra que ponteia
 A Dalva que fogoneia
 Quando vem clareando a aurora
 O pialo porteira a fora
 E o boi manso lambendo a canga
 Canto os lábios de pitanga
 Que tem gosto de resina
 E o corpo doce da china
 Respingando água da sanga
 Eu canto a estrela boieira
 Eu canto o céu estrelado
 Eu canto o berro do gado
 Canto a vivência campeira
 Canto as lides de mangueira
 E os remansos do açude
 E no instinto de índio rude
 Dos primeiros evangelhos
 Canto a esperança dos velhos
 E as ânsias da juventude
 Eu canto a infância - essa planta
 Que merece ser cuidada

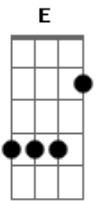
A planta mais delicada
 Que nos ares se levanta ^{Am}
 Ela é a cultura mais santa ^E
 Precisa de água e calor
 Porque Deus - nosso senhor ^{Am}
 Fez a luz, fez a umidade
 Pra que houvesse liberdade ^{E Dm C E Am}
 E dela, brotasse a flor
 Não gosto de cantar rios ^E
 Mortos pelos insensatos
 Nem vítimas de artefatos ^{Am}
 Dos humanos desvarios
 Nem os corações vazios ^E
 Dos escravos de a cabresto
 E dentro deste contexto ^{Am}
 Não quero cantar de novo
 Os ancestrais do meu povo ^{E Dm C E Am}
 Mendigos vendendo cesto
 Eu canto o dia que nasce ^E

Eu canto a tarde que morre
 Eu canto a sanga que corre ^{Am}
 E a lua que mostra a face ^{Am}
 E se o mundo se acabasse ^E
 Numa tragédia bravia
 Assim mesmo eu cantaria ^{Am}
 Um mundo nascendo doutro ^{Am}
 Indiada domando potro ^{E Dm C E Am}
 E bugra lavando a cria
 Se acaso um dia, os feitores ^E
 Dos quatro pontos cardeais
 Queimassem seus arsenais ^{Am}
 Mandando cultivar flores
 Nosotros, os pajadores ^E
 Queimaríamos incenso
 No templo do pampa imenso ^{Am}
 Berço do ancestral anejo
 Que peleava por um beijo ^{E Dm C E Am}
 E morria por um lenço

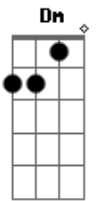
Acordes



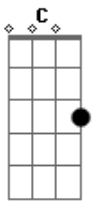
© ukulele-chords.com



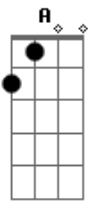
© ukulele-chords.com



© ukulele-chords.com



© ukulele-chords.com



© ukulele-chords.com